

Opções Básicas na Avaliação Teológica de Religiões, Ideologias e Culturas

André Droogers

Introdução

Desde o final do século passado, o problema da avaliação teológica de outras religiões tem se tornado mais relevante. As Ciências da Religião contribuíram para um conhecimento mais amplo de todas as religiões. Ao mesmo tempo, elas também mostraram a universalidade do fenômeno 'religião', presente em todas as sociedades humanas. Apontaram para o fato de que, mesmo dando respostas divergentes, todas as religiões levantam basicamente as mesmas perguntas: qual é o sentido do sofrimento, o que é salvação, qual é a melhor ética, e como se define o sobrenatural? Comparando as religiões, foi possível descobrir que certos fenômenos se repetem nelas: formas rituais, algumas doutrinas e estruturas sociais, determinados símbolos. Nas suas pesquisas, as Ciências da Religião incluíram o cristianismo como um caso entre vários. Como o cristianismo se apresenta como **a** religião, e não apenas, como **uma** entre várias outras, o problema da avaliação teológica das outras religiões estava colocado com muito mais urgência do que antes.

A necessidade de formular uma opinião cristã sobre as outras religiões foi reforçada pela circunstância de que, hoje em dia, as religiões são obrigadas a **conviver**, não só em nível mundial, mas também em nível nacional. O mundo se tornou uma aldeia global. As migrações dos últimos séculos fizeram com que a heterogeneidade religiosa das nações aumentasse. Novas religiões, muitas vezes de caráter sincretista, usando elementos de re-

ligiões mais antigas, se acrescentaram as já existentes e penetraram nelas.

As mudanças no mundo criaram novas tarefas para as religiões. A expansão ocidental gerou uma crise cultural e econômica, aumentando o sofrimento e a insegurança. As religiões florescem justamente em épocas de crise. Elas oferecem sentido e ajuda. Querendo ou não, consciente ou inconscientemente, elas assumem novas tarefas e se adaptam à nova situação. Assim, a teologia cristã reflete sobre a missão da Igreja na sociedade atual. Pela presença das outras religiões, a teologia também tem que perguntar qual é o valor destas religiões no contexto atual. Por isso, a avaliação teológica obtém uma outra dimensão, além das questões que mencionamos quando falamos das pesquisas das Ciências da Religião. Se no movimento ecumênico o ponto central é o mundo habitado — oikúmene — tanto mais esta preocupação deve estar na base do posicionamento do cristianismo face a outras religiões. O que as outras religiões podem fazer para que o mundo seja mais habitável? Elas podem ser nossas aliadas?

Visto assim, o problema não tem apenas a ver com outras religiões, mas também com ideologias. Além disso, as culturas e as sociedades em que religiões e ideologias existem, devem ser incluídas na avaliação teológica. Até a religiosidade popular cristã deve ser levada em consideração, pois a avaliação teológica se ocupa basicamente com tudo que se desvia, em pequena ou larga escala, da versão erudita da própria teologia cristã. Um caso especial é formado pelas duas outras religiões abraâmicas: judaísmo e islã, pois mais do que outras religiões, elas têm aspectos em comum com o cristianismo.

Como em qualquer comparação — e avaliar é uma maneira de comparar — é possível enfatizar o comum, **ou**, então, o divergente. Muito depende da objetividade ou subjetividade do autor que faz a comparação. A avaliação teológica de outras religiões, ideologias, culturas, sociedades, religiosidades, etc., é influenciada pelas pressuposições teológicas dos avaliadores. Por isso, não é possível esboçar uma teologia das religiões, sem que antes se dê conta destas pressuposições. O problema, então, tem a ver com praticamente todas as áreas da teologia. Inversamente, uma avaliação teológica como discutida aqui pode obrigar a alterações em outras áreas da teologia. As pressuposições limitam e norteiam a avaliação, mas podem ao mesmo tempo ser influenciadas por ela.

As pressuposições e as suas conseqüências

A **primeira** diz respeito à maneira de se ler a Bíblia. Uma leitura mais crítica deixa espaço para uma reinterpretação de textos que, lidos de uma maneira mais literal, parecem dar uma avaliação negativa de outras religiões. A certeza da condenação de tudo que se desvia da religião bíblica, — ou melhor, neotestamentária, pois o judaísmo é muitas vezes tratado como religião não-cristã, — é maior no caso de uma leitura mais literal. Uma leitura crítica, por apontar para contradições existentes entre os próprios textos bíblicos, estimula uma atitude menos absolutista, deixando praticamente o julgamento definitivo nas mãos de Deus. Quem vê o texto da Bíblia como sendo um bloco homogêneo, — como se tivesse sido escrito somente por um autor, ou pelo menos sob uma única inspiração — terá alguma dificuldade na explicação de contradições. Se fixará, então, numa certa interpretação geral. Quem lê a Bíblia como sendo um testemunho humano acerca de experiências humanas com o Deus vivo, aceitará a presença de abordagens contraditórias como algo natural e não chegará logo a uma conclusão definitiva. Face às outras religiões, não se posicionará sem reconhecer a complexidade da questão.

Uma **segunda** pressuposição teológica de caráter geral tem a ver com a visão que se tem da revelação divina. Uma opção destaca o conhecimento que toda pessoa humana, como criatura, deve ter do seu criador. Por sua vez, Deus não abandona a sua criação, mas atua nela e na história da humanidade. Quer recuperar a criação, contra o mal que a degenera. A aliança de Deus, através de Noé, é com toda a humanidade. A fé testemunha a presença de Deus na história da humanidade.

A opção alternativa enfatiza a aliança de Deus com o seu povo, Israel e a reafirma, apesar da infidelidade do povo de Deus. Este evento salvífico recebe mais atenção do que a criação, que passa a ser vista como um evento consumado e encerrado. Mais do que na sua criação, Deus se revela no seu Filho unigênito. A fé, neste caso, testemunha justamente a presença de Deus na pessoa de Jesus. É nele que Deus interfere de maneira decisiva na história.

Obviamente, na primeira opção, as outras religiões são mais valorizadas do que na segunda. Esta última pressuposição aplica a outras religiões o critério da revelação de Deus em Cristo, muito mais do que a revelação divina na criação.

Uma **terceira** pressuposição tem a ver com o conceito de salvação. Há quem defenda que a própria revelação já é um ato de salvação. Outros, porém, vêem a revelação como um primeiro passo, que deve ser seguido por um segundo pelo qual se restabelece, em Cristo, a paz com Deus e o próximo. É este segundo passo que representa a salvação. Outra divergência de opiniões existe em relação à pergunta se salvação é obtida por obras ou por graça. Além disso, há quem enfatize a salvação individual, enquanto que outros destacam a salvação da humanidade, como coletividade, a fim de que ela seja povo de Deus, assumindo sua aliança com Ele. As duas possibilidades levam a diferentes conceitos da história da salvação. Outro tema discutido é o momento em que se realiza a salvação: aqui e agora já, só depois da morte da pessoa, ou no fim dos tempos. Se a salvação se realiza aqui e agora, o mundo é visto como recuperável, como tendo espaço para sinais do Reino de Deus que irrompe já. Cada vez que as pessoas se colocam sob o critério deste Reino, aceitam a crítica que emana dele, se reconciliam e fazem um novo início. A salvação acontece aqui. No outro extremo, o mundo é visto como perdido, irrecuperável, como sendo o reino das trevas. A vida é apenas sala de espera para a eternidade. Salvação se obtém apenas através de uma conversão fundamental, como preparação para a eternidade.

Cada um destes dilemas tem conseqüências para a postura de cristãos face a outras religiões e religiosidades. Se a própria revelação já é salvação, pessoas de outras religiões não estão excluídas a priori. Caso obras levem à salvação, a mesma conclusão pode ser tirada. Se a salvação é para toda a humanidade e se, ao mesmo tempo, o mundo é visto como potencialmente recuperável, as outras religiões passam a ser interessantes como parceiros de diálogo. Se, porém, o mundo é visto como ruim e perdido, elas são negativamente apreciadas, pois estão incluídas neste mundo. Elas, então, fazem parte do reino das trevas.

A **quarta** pressuposição parece ser a mais importante: trata-se da cristologia que se adota. Quanto mais ênfase se coloca na unicidade de Cristo, tanto maior a distância que separa os cristãos dos crentes de outras religiões. A alternativa seria ver Cristo mais como intermediário, como meio na recuperação da criação de Deus. Ele não seria, então, o objetivo em si da fé, mas uma pessoa na qual Deus se torna carne. A fé cristã seria mais teocêntrica do que cristocêntrica. Aqui entra também a discussão sobre a diferen-

ça entre Jesus histórico, fundador de uma religião, pessoa que teve uma certa biografia, e o Cristo da fé, que representa tudo o que a comunidade dos crentes confessou acerca deste Jesus, ressaltando a sua unicidade. Outra questão, parcialmente ligada com esta discussão diz respeito à atuação de Cristo: ela se dá exclusivamente através da Igreja, ou, de maneira mais ampla, universalmente na humanidade. Aqui entram, igualmente, noções de eclesiologia. Quem confessa que fora de Jesus Cristo não há salvação, praticamente já fixa a sua posição face a outras religiões e religiosidades. A Igreja substitui Israel como o povo eleito, ao mesmo tempo exclusivo e missionário, parceiro da nova aliança. Nesta substituição, Cristo é o evento decisivo. Ele é o segundo Adão, pai da nova humanidade, o primogênito de toda a criação. Esta afirmação pode levar a um exclusivismo dos seus seguidores, mas também a uma visão que apresenta Cristo como Senhor do mundo, atuando universalmente, até antes da vinda dos seguidores missionários. Isso pode ser dito com mais ou menos ênfase escatológica, colocando Cristo como evento intermediário ou como ponto final e decisivo.

Vista desta maneira, a cristologia pode tanto excluir quanto incluir outras religiões. Elas são excluídas quando se destaca a unicidade de Cristo, mas podem ser incluídas quando há uma ênfase na sua atuação universal. Existem correntes teológicas que, a partir da existência de outras religiões, aconselham uma revisão da cristologia; reavaliando, assim, o testemunho neo-testamentário, com o intuito de dar menos ênfase à unicidade de Cristo. O pluralismo religioso do mundo atual exige esta reformulação, assim é dito.

Em **quinto** lugar, deve ser levada em consideração a visão pneumatológica que se tem. Opções não faltam. É possível enfatizar o papel de arquiteto da Igreja que geralmente é atribuído ao Espírito Santo. Ele constrói a comunhão dos santos. Na teologia pentecostal, é o batismo do Espírito Santo que ocupa um lugar central. Deste modo, o Espírito é visto como agente dentro da Igreja. Por outro lado, há os que afirmam que o Espírito Santo sopra aonde quer, de maneira surpreendente e ultrapassando os limites humanos. Se ele teve um papel importante na criação, da mesma maneira é essencial para a recriação. Por estar presente em Cristo e sendo enviado por ele, o Espírito Santo está incluído como coautor na atuação de Deus na história da humanidade. É ele que

inspira os cristãos na leitura e releitura da Bíblia, guiando-os na contextualização da sua fé.

Conforme o tipo de pneumatologia, o Espírito Santo age, ou não, nas outras religiões, religiosidades, etc. Seu papel na recriação implica em que esteja presente no diálogo interreligioso que visa a nova humanidade.

O **sexto** bloco de pressuposições é de caráter missiológico. Nela já se faz sentir a influência de noções da área bíblica (a primeira pressuposição acima) e da teologia sistemática (as quatro pressuposições das quais acabamos de falar). Com um certo exagero didático, queremos colocar algumas opções básicas gerais, para depois ver as alternativas que dizem respeito diretamente às religiões, etc.

Em termos gerais, pode existir uma ênfase missiológica na expansão da Igreja, de modo eclesiocêntrico, ou na proclamação do Reino de Deus em palavras e atos, na espera da irrupção definitiva e total deste Reino. O objetivo da missão pode, assim, ser a conversão, conforme a primeira abordagem, ou o eschaton conforme a segunda. No primeiro caso, se faz uma separação entre nós (os cristãos) e os outros; no segundo caso os outros estão incluídos, pois formam conosco a humanidade que geme e suporta angústias até agora.

Em conseqüência da cristologia, a tarefa missionária pode ser de levar Cristo e a sua mensagem para o mundo, mas também pode ser descobrir os traços da presença e atuação do mesmo Cristo no mundo, antes de qualquer atividade missionária nossa.

Estas opções gerais determinam as opções mais específicas com relação ao encontro com outras religiões. Os seus adeptos podem ser convertidos em potencial para o cristianismo, mas também aliados em potencial na transformação do mundo, rumo ao Reino de Deus. Do mesmo modo, pode-se dar ênfase à superioridade do cristianismo, mas igualmente é possível que se pergunte em que medida a outra religião ou religiosidade, a outra ideologia ou cultura, abre ou tranca o caminho para uma humanidade que vive conforme as expectativas do Reino de Deus, em que medida ela convida à reconciliação e a um novo início. O Evangelho pode ser visto como o oposto das outras religiões, ou complementar, ajudando no seu aperfeiçoamento. A abordagem escolhida é conseqüência direta das opções anteriores com relação às pressuposições teológicas.

Além disso, existem alternativas quanto à atitude missionária e com relação aos métodos usados na abordagem de pessoas de outras religiões. Estas pessoas, às vezes, são vistas como 'pá-gãs', esquecendo-se de que elas já têm uma religião. As suas idéias são combatidas, os seus ritos desprezados. Por outro lado, é possível manter uma postura missionária e, ao mesmo tempo, respeitar tudo que a pessoa da outra religião preza. Busca-se, assim, o diálogo com base em estudos confiáveis, que mostram a outra religião como ela é, e não como se pensa que ela seja. Existe o perigo de se comparar o ideal cristão à prática (inclusive todas as falhas) da outra religião, ocultando-se, então, estrategicamente, o desvio cristão do ideal pregado, e ignorando-se o ideal defendido pela outra religião. Em última instância, a pergunta é se os cristãos querem **dominar** ou **servir**. No primeiro caso não se tem a menor dúvida de que o que é absoluto para o cristão deve ser absoluto para todas as pessoas. No segundo caso, porém, não existe necessariamente esta certeza, pois o convívio cria um relacionamento que mostra o que é absoluto para os outros. Como qualquer mensagem religiosa sempre vem embrulhada numa certa cultura, fica mais difícil distinguir o essencial do acidental. O fato de que nós necessariamente nos comunicamos por meio da nossa cultura, relativiza algo da eventual pretensão absoluta que alimentamos. Em outras palavras, a mensagem cristã não pode ser apresentada como fixa e formulada de uma vez por todas, independentemente do contexto cultural, social, econômico, político e religioso do receptor da mensagem, nem do formulador da mensagem. Aliás, dentro do cristianismo o mesmo fenômeno pode existir, p. ex., entre pessoas de classes diferentes. O pastor é um tradutor, situado na subcultura da teologia erudita, com a tarefa de expressar as conclusões desta teologia na linguagem dos leigos que não passaram por uma formação teológica. Neste particular, o problema da atitude face à religiosidade dos membros é essencialmente o mesmo que o da postura teológica e missionária face a outras religiões.

Três tipos de postura

A partir da enumeração das pressuposições, as possíveis atitudes frente a outras religiões já são praticamente previsíveis. Existem dois extremos, entre os quais passa um caminho mais sutil e menos explícito. Um destes extremos é a aceitação de outras reli-

giões como caminhos para a salvação. O cristianismo pode ser visto como a religião mais perfeita para a pessoa que o abraça, mas não se tem pretensões exclusivistas. As outras religiões podem ser fontes de inspiração e de devoção, complementando o cristianismo. Mais do que Cristo, Deus está no centro; mais do que a Igreja, a humanidade. Se cada ser humano é imagem de Deus, porque não poderia ter conhecimento do seu criador? Sincretismo é apreciado positivamente, como uma maneira de enriquecer a vida religiosa. O relativismo cultural é bastante forte nesta abordagem face às outras religiões.

O outro extremo representa a condenação incondicional de tudo que se desvia da religião cristã. Fora do cristianismo não há salvação. A Igreja é a representante exclusiva de Deus na terra. As outras religiões são vistas como perigosas e servas de Satanás. O mundo se divide entre cristãos e não-cristãos. Os últimos são campo de evangelização. Eles devem ser libertados da escravidão das suas religiões. Assim, a Igreja crescerá até coincidir com a humanidade. Desta maneira, o mundo poderá perder o seu caráter pecaminoso, pois quem aceita a Jesus é perdoado e será salvo. O sincretismo é uma ameaça para a verdadeira religião.

A terceira postura é menos definida e mais insegura. Ela pode ser descrita e formulada, mas, mais do que isso, deve tomar forma no convívio e no diálogo com outras religiões. Ela convida à aventura. E, em qualquer aventura, sempre existe o risco de se perder algo considerado importante, mas também é possível se descobrir novas visões e perspectivas. Esta terceira abordagem quer, ao mesmo tempo, ficar comprometida com a fé cristã, e estar radicalmente aberta ao diálogo. Ela continua defendendo o cristianismo como a melhor opção, mas aceita ser desafiada por outras religiões. A sua maior preocupação não é só com a Igreja, que é importante como meio, mas também, ou mais ainda, com o seu objetivo que é a vinda do Reino de Deus. A finalidade dos seus contatos com outras religiões não é necessariamente fazer com que o mundo seja mais cristão — embora ela deseje isso — mas que ele seja mais humano. Na situação atual há, muito mais do que antes, uma tremenda necessidade disso, em boa parte como consequência da atuação de uma cultura que se considera cristã; Esta terceira atitude convida os cristãos e as pessoas de outras religiões a reconhecerem as suas falhas à luz das obrigações que a aliança com Deus impõe. O juízo prepara um novo começo, ba-

seado no perdão concedido ao pecador. Este juízo não cabe aos cristãos, mas a Deus, pois eles também estão sujeitos a este julgamento. Assim, a última palavra acerca da salvação não pode ser dada por cristãos, mas unicamente por Deus. A salvação tem muito a ver com o processo escatológico da vinda do Reino de Deus. As outras religiões devem ser avaliadas conforme a sua eventual qualidade 'cristã'. Isto sugere um diálogo crítico. A vinda do Reino, porém, não depende exclusivamente de seres humanos, cristãos ou não. Em última instância, Deus é quem realiza este Reino. Por isso, Ele atua no mundo, na humanidade, inclusive nas outras religiões.

Esta terceira abordagem não tem a simplicidade das outras duas. Ela talvez levante mais perguntas do que, eventualmente, respostas. Ela, na prática, é a mais difícil das três, pois não tem uma receita pronta. Mas por acreditar na vinda do Reino, ela aceita ser provisória e estar em constante processo. Ela reconhece ser restrita por ficar dentro dos limites de uma cultura, mas acredita que também estes limites um dia vão ser superados. A partir disso, sincretismo tem as suas restrições, mas possibilita um intercâmbio frutífera. Faz parte da aventura aquela incerteza do que é absoluto e do que é relativo. Mas somente assim é possível crescer.

Conclusão

Neste momento da história mundial o pluralismo religioso obriga a uma avaliação teológica das outras religiões e religiosidades. Ideologias e culturas podem ser incluídas nesta avaliação. Ela é possível apenas quando se passa pela discussão teológica geral, pois lá são feitas as opções básicas, mesmo antes de se falar em religião e religiosidade, ideologias e culturas. Este caminho nos alerta das dificuldades de se opinar sobre outras religiões. O mais fácil seria optar por uma posição simplista num dos extremos do leque de possibilidades. Contudo, há uma terceira opção, mais complexa, mas, talvez, mais promissora.

BIBLIOGRAFIA

- Cristianismo e religiões não-cristãs.** São Paulo, Paulinas, 1982. (Iniciação à Teologia, Segunda Série, v. 15).
- HOEDEMAKER, Bert. **Met Christus bij de anderen. Opmerkingen over dialoog en apostolaat.** Baarn, Oekumene/Ten Have, 1978.
- HUGHES, Dewi Arwel. Christianity and other religions: a review of some recent discussion. **Themelios**, Leicester, 9 (2): 15-21, 1984.
- KÜNG, Hans. **Ser Cristão.** Rio Janeiro, Imago, 1976, cap. 3, p. 72-95.
- LAMB, Christopher. Dialectical ministry: Christian life and mission in the multi-faith situation. **Themelios**, Leicester, 9(2): 21-27, 1984.
- MULDER, D.C. **Ontmoeting van gelovigen, Over de dialoog tussen aanhangers van verschillende religies.** Baarn, Oekumene/Ten Have, 1977.
- RICHARD, Lucien. **What Are They Saying About Christ And World Religions?** New York/Ramsey, Paulist Press, 1981.
- THOMAS, Owen C. (ed.). **Attitudes Toward Other Religions, Some Christian Interpretations.** London, SCM, 1969.
- WRIGHT, Christopher J.H. The Christian and other religions: the biblical evidence. **Themelios**, Leicester, 9 (2): 4-15, 1984.